



**E. ZENGER** *et alii*, *Einleitung in das Alte Testament*. Studienbücher Theologie 1,1. W. Kohlhammer, Stuttgart – Berlin – Köln, 1998<sup>3</sup>, 548 pp. ISBN 3-17-015622-5.

Erich Zenger, o renomado professor e pesquisador do Antigo Testamento na universidade de Münster, reuniu um grupo de doze exegetas alemães das gerações mais novas para projectar e escrever uma introdução ao Antigo Testamento que fosse, realmente, diferente de seus similares. É a primeira introdução moderna, em língua alemã, que abrange todo o cânone do Antigo Testamento. Estuda tanto os livros do cânone judaico como também os do cânone alexandrino. A preocupação de seus autores é, como vem dito expressamente no prólogo, apresentar os livros do AT como parte da Bíblia Cristã, ao mesmo tempo, porém, acentuar o aspecto de que grande parte desses livros é, também, Bíblia Judaica, fonte viva do judaísmo até aos dias de hoje. É usado, por isso, tanto o termo Tanak como também Primeiro Testamento.

Na apresentação dos diversos livros do AT é seguida a ordem do cânone tridentino, deslocando, apenas, os livros dos Macabeus, para colocá-los entre as obras da historiografia israelita. Os livros não são, pois, apresentados na ordem de seu eventual tempo de composição, mas de acordo com o lugar que ocupam no cânone cristão. A abordagem começa, sempre, com o texto canónico, ou seja, com o texto bíblico na sua forma actual. No testemunho do próprio editor, no prefácio desta obra, foi uma preocupação central dos autores introduzir o leitor a compreender o AT como Sagrada Escritura. Mas esta compreensão exige, também, que o leitor conheça o longo e complexo processo de composição de cada livro bíblico. Por isso, esta introdução preocupa-se em conduzir o problema da dialéctica hermenêutica entre sincronia e diacronia de maneira coerente e dentro de uma perspectiva teológica. A abordagem de cada livro é feita, geralmente, seguindo o esquema: estrutura do livro (leitura sincrónica); processo de composição do livro (leitura diacrónica); contexto histórico e teológico; pontos centrais da teologia do livro e relevância do livro para o judaísmo e para o cristianismo. A obra é dividida em seis grandes secções, de A a F, que, depois de dois capítulos introdutórios, trata das quatro grandes partes do cânone cristão: Torá/Pentateuco; livros da história (*Bücher der Geschichte*); livros da sabedoria (*Bücher der Weisheit*) e livros da profecia (*Bücher der Prophetie*).

A secção A começa com um capítulo introdutório, escrito por E. Zenger, sobre o significado do AT como Sagrada Escritura dos judeus e dos cristãos. Acentua, claramente, o papel central da Bíblia dos judeus

como fundamento da pregação e da mensagem de Jesus Cristo. Estuda, também, a formação do cânone judaico e do cânone cristão. Segue, na secção B, uma breve história do texto do AT. Esta parte é muito útil e necessária para introduzir o estudioso do AT nos problemas do intrincado processo de formação do texto bíblico. Termina esta parte com uma breve apresentação das diferentes teorias sobre a história do texto hebraico do AT.

A secção C começa com uma abordagem mais geral sobre a origem da Torá, que, como está no cânone hoje, é um complexo de textos narrativos e textos legais. São discutidas as diversas teorias sobre a origem da Torá: a tese da autorização persa que assumiu a Torá como a lei dos judeus válida para todo o império e a tese que explica a formação da Torá a partir de um processo de transmissão sócio-teológico interno do judaísmo. A Torá explica-se, então, como um documento teológico de compromisso entre as duas correntes judaicas influentes no período pós-exílico: a corrente teocrática e a corrente escatológica. Mas o grande significado da Torá, concluída e proclamada no sec. IV a. C., foi, sem dúvida, ter-se tornado um texto canónico para a comunidade judaica pós-exílica. E. Zenger começa, a partir da p. 87, um estudo bastante pormenorizado da história do processo de composição do Pentateuco. São analisadas as diversas teorias clássicas sobre a sua origem. Neste contexto é apresentada uma nova teoria, denominada «Modelo de Münster», que trabalha com uma combinação do modelo dos blocos de tradições, do modelo de fontes e de um modelo redaccional. Este modelo de Münster, embora não seja a última palavra na procura de um modelo alternativo para substituir o modelo de Wellhausen, actualmente bastante criticado, é, contudo, no momento atual o que melhor parece explicar o processo de composição do Pentateuco. Tem a seu favor um elemento altamente positivo. Procura levar em conta o seu processo de formação quer no período ante-exílico quer no pós-exílico, sem projectar toda a actividade literária e historiográfica de Israel para o período pós-exílico como fazem outros modelos como, por exemplo, o modelo de Tübingen de Rendtorff e Blum. Pelo modelo de Münster, entre os anos 900 e 700 a. C. teriam sido formados os ciclos de tradições referentes a Abraão, Jacó, a história de José, a história do êxodo e o ciclo de relatos da tomada de posse da terra; ao mesmo tempo, teria sido formado, também, o chamado «Livro da Aliança», com as tradições legais. Os primórdios da historiografia israelita situar-se-iam no século VIII a. C. na Obra Jerusalemitana de história, que abrangeria Gn 12 – Js 24. Pelo século VII a. C. teria surgido um *Ur-Deuteronomium*, que incluiria a parte de leis

Dt 12–26. Durante o exílio teria sido composta pela escola deuteronomista a Obra Exílica de História, que incluía a história primeva, composta nesta época, além da Obra Jerusalemitana de História, do livro da Aliança e do livro do Deuteronomio e de tradições deuteronomistas. A partir do ano 520 a. C., formou-se, em várias etapas, o escrito sacerdotal, que foi incorporado, depois de 450 a. C., à obra exílica, formando a grande Obra Pós-exílica de História que abrangia Gn 1 – 2Rs 25. A divisão entre Gn-Dt e Js-2Rs deu-se pelo ano 400 a. C. e formou os dois blocos do cânone judaico: a Torá e os Profetas anteriores. Esdras proclamou solenemente a Torá como a lei da comunidade judaica pós-exílica. A formação do livro do Deuteronomio é estudada à parte por G. Braulik, às páginas 125-141. Embora o Dt seja fruto de um longo processo de composição, ele é essencialmente um documento da aliança de Deus com o povo. No período exílico, com a acréscimo de Dt 19-25, o Dt torna-se um projecto de constituição para a comunidade pós-exílica.

A secção D estuda, sob o título «Livros da história» (*Bücher der Geschichte*), a historiografia hebraica. Zenger inicia esta secção com uma sucinta apresentação da problemática da historiografia israelita. Segue uma contribuição de G. Braulik, onde são apresentadas as diferentes teorias relativas à Obra Deuteronomista de História (DtrG). Braulik inicia seu trabalho oferecendo uma excelente resenha bibliográfica sobre o tema. Os diferentes livros denominados históricos são individualmente analisados. Além dos livros, geralmente, considerados como constituindo a DtrG, a obra estuda, também, as obras de historiografia do Cronista, de Esdras, de Neemias e o livro de Rute. Neste conjunto são incluídos, também, livros deuterocanónicos como Tobias, Judite e os livros dos Macabeus.

A secção E trata da literatura sapiencial do antigo Israel. Uma breve introdução à sabedoria em Israel escrita por E. Zenger introduz o leitor à problemática deste género literário. Entre as análises dos diferentes livros da literatura sapiencial, pode-se destacar a excelente introdução de E. Zenger ao livro dos Salmos e a excelente análise do livro Qohelet de L. Schwienhorst-Schönberger. Zenger é, hoje, entre os exegetas alemães, um dos melhores conhecedores deste género literário e acaba de lançar o primeiro volume de um exaustivo comentário aos Salmos. Schwienhorst-Schönberger é, também, um conhecido pesquisador do complicado e, aparentemente, contraditório livro Qohelet e apresenta, aqui, uma interessante e elucidativa explicação da estrutura e da concepção ideológica do Qohelet.

Na secção F, a última do livro, é abordado o estudo do fenómeno profético em Israel. A introdução, elaborada por E. Zenger, mostra a

multiplicidade do fenómeno profético israelita e compara-o com o profetismo extrabíblico. Esta parte introdutória termina com algumas considerações sobre o significado do profetismo para a religião de Israel. Na sua análise do livro de Isaias, H. W. Jüngling, fiel à concepção geral desta introdução, começa com uma visão abrangente de todo o livro como se encontra hoje no cânone, para mostrar, em seguida, numa perspectiva diacrónica, o processo de composição das três partes que constituem o actual livro de Isaias. Seguindo o cânone cristão, o livro das Lamentações e o livro deutero-canónico de Baruc com a carta de Jeremias são estudados dentro do cânone profético, logo após o livro de Jeremias. Com o livro hebraico de Daniel (Dn 1–12) são, também, estudados o capítulo 13, que trata do episódio de Susana, e os dois relatos conservados no capítulo 14 transmitidos pela Septuaginta e pelo cânone alexandrino. Os Doze Pequenos Profetas são analisados por E. Zenger, que, antes de abordar os livros deste complexo, preocupa-se em mostrar a estrutura geral do *Dodekapropheton* como um todo. Nisto o autor leva em conta a tendência da exegese actual que, respeitando uma tradição antiga, já registada no livro de Ben Sira, considera os doze profetas menores como um todo. A Septuaginta denomina o complexo dos doze de *Dodekapropheton*.

Na abordagem de cada livro, os autores trabalham com tabelas e esquemas que mostram mais claramente a estrutura do livro estudado e resumem as teses assumidas, facilitando, destarte, a compreensão do texto.

No fim desta Introdução, são acrescentados seis apêndices que enriquecem a obra. Um apresenta as diferentes épocas da história do antigo Israel; o segundo oferece três mapas relativos à história de Israel; o terceiro é um glossário de termos técnicos bíblicos que ajudam o leitor a compreender melhor alguns termos da linguagem técnica da exegese; o quarto apresenta um pequeno elenco bibliográfico de obras introdutórias. Os apêndices cinco e seis formam dois registos, um de citações de textos citados e estudados na obra e o outro é um índice de matérias.

Os autores desta introdução merecem, sem dúvida, o reconhecimento e o elogio de todos os que se dedicam ao estudo do Antigo Testamento. Foram muito felizes na escolha da concepção geral da obra e nas opções feitas. Na exposição do processo de composição dos diferentes livros bíblicos os autores apresentam as diversas posições da exegese moderna e apontam, no fim da exposição, as suas escolhas. A preocupação de situar cada livro em seu provável contexto histórico e de determinar seus acentos teológicos bem como a preocupa-

ção de mostrar a relevância de cada livro para a comunidade judaica e para a comunidade cristã tornam o livro de grande valor para o estudo introdutório ao Antigo Testamento. É uma nova concepção de introdução bastante diferente das introduções clássicas. Trata-se, a meu ver, da introdução ao AT mais completa e abrangente do momento presente. Uma tradução portuguesa desta obra é, sem dúvida, um desiderato urgente de todos aqueles que estudam o Antigo Testamento em países lusófonos.

**Emanuel Bouzon**

**PAUL RICOEUR; ANDRÉ LACOQUE**, *Penser la Bible*, Éditions du Seuil, Paris, 1998. 457 pp., ISBN 2-02-031677-3.

Este livro leva na capa o nome de P. Ricoeur como sendo o autor que se pretende destacar. No entanto, na entrada do livro, aparece o nome de A. Lacoque colocado em primeiro lugar. De facto, P. Ricoeur apresenta-se como um autor de imensa nomeada e é detentor de uma lista de escritos que, com alguma razão, o catapultam para um lugar cimeiro a que o seu parceiro neste percurso de leitura e de diálogo não tem possibilidade de guindar-se. Na verdade, se bem que ambos os autores tenham optado por ler-se um ao outro antes de darem cada um dos seus textos por terminados, para poderem introduzir aspectos de diálogo relativamente às leituras efectuadas por cada um deles, o início de diálogo sobre cada tema sucessivamente estudado por cada um de forma convergente é sempre dado por A. Lacoque. A sua leitura representa a abordagem da Bíblia pela perspectiva de estudo que se considera básica. É uma leitura de exegese segundo as exigências da interpretação histórico-crítica.

A este exercício de leitura histórico-crítica segue-se uma reflexão que é por vezes mais teórica, outras vezes mais histórico-filosófica. Aqui se encontra sobretudo o papel hermenêutico que coube a P. Ricoeur.

A exegese histórico-crítica assume-se como um esforço de sóbria e meticulosa transparência do próprio texto no seu tempo e enquadramento de origem. É a procura do sentido originário e de algum modo literal. O ensaio teórico, por outro lado, abarca muito maior amplitude, relativamente aos longos e numerosos percursos em que as múltiplas leituras de um mesmo texto se foram definindo em diversos espaços e a diferentes níveis, ao longo da história. O longo somatório das leituras e as questões teóricas que delas foram fluindo podem ter transformado textos bíblicos de menor densidade em textualidades sugestivas de